

“DA PRÁTICA PARA A TEORIA”: CAMINHOS E MOMENTOS DE ENTRELAÇAMENTO CULTURAL E LINGUÍSTICO NA COMUNIDADE SUÁBIA DA COLÔNIA DE ENTRE RIOS

Adriana Socoloski¹
Milan Puh²

Resumo: O presente estudo objetiva explorar o modo como percorrer conceitualmente as trajetórias que constituem as práticas transculturais e translinguísticas de uma comunidade de imigração, nomeadamente os suábios de Entre Rios no Paraná. A elaboração deste artigo constituiu-se na abordagem teórica que denominamos pesquisa bibliográfica de teor interpretativo, envolvendo os conceitos de interculturalidade, tradução cultural, hibridismo cultural e translinguagem. Fundamentamos a pesquisa nas obras de Puh (2017; 2019), Lemke (2018), Burke (2019), Stein (2011), buscando explicitar alguns mecanismos, procedimentos e efeitos que têm sido presentes na constituição desta colônia para lançar outras perspectivas sobre as dinâmicas de comunidades de imigração e os discursos acadêmicos e científicos que giram em torno delas. Não nos optamos explicitamente por nenhuma das perspectivas, preferindo oferecer um panorama de possibilidades de abordagens temáticas e também teóricas. Desse modo, pensamos que a preocupação em ampliar e pluralizar as possibilidades de abordagens resultaria em uma capacidade mais aguçada de depreender a realidade complexa de comunidades migratórias. Isso porque concluímos que, para realizar análises em comunidades fortemente marcadas por práticas migratórias, faz-se necessário explorar mais diversos modos de abordagem teórico-metodológica.

Palavras-chave: Suábios. Translinguagem. Hibridismo. Interculturalidade. Tradução cultural.

“FROM PRACTICE TO THEORY”: PATHWAYS AND MOMENTS OF CULTURAL AND LANGUAGE INTERLACING IN THE SWABIAN COMMUNITY OF ENTRE RIOS COLONY

Abstract: This present study aims to explore how to conceptually look the trajectories that constitute the transcultural and translinguistic practices of an immigration community, in this case the Swabians in Entre Rios colony in State of Paraná. Therefore, the elaboration of this article was constituted by the theoretical approach that we call qualitative bibliographic research, involving the concepts of interculturality, cultural translation, cultural hybridism and translanguage. We base the research on the works of Puh (2017), Lemke (2018), Burke (2019), Stein (2011), seeking to explain some mechanisms, procedures and effects that have been present in the constitution of the colony so that we can offer other perspectives on the immigrant community dynamics and the academic and scientific discourses that revolve around them. We did not select any of the perspectives explicitly, preferring to offer an overview of the possibilities of thematic and also theoretical approaches. In this way, we think that the concern to expand and pluralize the possibilities of approaches would result in a sharper capacity to understand the complex reality of migratory communities. This is because we conclude that, in order to carry out analyzes in communities strongly marked by migratory practices, it is necessary to explore more diverse modes of theoretical-methodological approach.

Key words: Swabians. Translanguage. Hybridism. Interculturality. Cultural translation.

1 Mestranda em educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). E-mail: adrisocoloskii21@gmail.com

2 Pós-doutor pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2018). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: milan.puh1@gmail.com

Introdução

Afirma-se na atualidade que o Brasil é um país pluri ou multilíngue e que existe uma diversidade grande de suas culturas, uma realidade amparada legalmente até na atual Constituição e em diversos documentos oficiais. Muitas vezes este tipo de pensamento não se aproxima muito da situação específica de suas comunidades, especialmente aquelas de imigrantes, para entender como foi a sua trajetória constitutiva e como se comportam na contemporaneidade na qual se aceleram e intensificam os contatos culturais, linguísticos, econômicos etc. Neste artigo abordaremos uma pequena comunidade de aproximadamente 15 mil habitantes, fundada por imigrantes de origem múltipla europeia, denominada como suábios do Danúbio. A mesma localiza-se no distrito de Entre Rios, no município de Guarapuava, na região central do Estado do Paraná. Estes imigrantes chegaram neste local no começo dos anos 1950, refugiados da Segunda Guerra Mundial e a convite do governo brasileiro, isto é, paranaense, que os enquadrou no projeto de modernização daquele período.

Por se tratar de uma comunidade de imigrantes que apresenta um histórico e um presente em que é possível discutir práticas, bastante visíveis no seu cotidiano, que chamamos de entrelaçamento, decidimos escolhê-la como objeto de estudo, continuando a pesquisa consolidada por autores como Stein (2008, 2011) e Puh (2017; 2019). Este entrelaçamento envolve fenômenos de natureza diversa que incidem sobre: a) a condição constitutiva da comunidade ambientada numa interculturalidade específica; b) os mecanismos de aproximação, adaptação e redefinição de práticas culturais por meio da tradução cultural; c) as modificações nas práticas culturais, linguísticas e até educativas dos seus membros que entendemos como hibridização e d) em suas práticas que

transcendem os limites entre línguas, culturas e sistemas educativos que, por fim, comentaremos ao trabalhar com a translinguagem.

A presente abordagem teórico-metodológica tem por objetivo geral realizar uma discussão centrada na experiência dos suábios, indicando diversos caminhos que podem ser explorados e as suas confluências na sua trajetória, enfocando também algumas produções acadêmicas a seu respeito. Isso quer dizer que não nos aprofundamos explicitamente em nenhuma das perspectivas apontadas acima, preferindo oferecer um panorama de possibilidades de abordagens temáticas e também teóricas. Desse modo, almejamos identificar, isto é, mostrar a complexidade de questões que podem ser levantadas sobre esta comunidade que notamos terem passado despercebidas nos estudos acadêmicos até agora. Evidenciaremos também como conceitualmente é possível explorar a trajetória que constitui as práticas transculturais e translinguísticas do entrelaçamento da/na comunidade suábia de Entre Rios. Em terceiro lugar, queremos discutir como tais práticas podem ser aproveitadas para melhor entendimento do processo de preservação da cultura e da língua no âmbito social e educacional, levando em consideração os aspectos apontados pelas pesquisas numa ótica que procura penetrar no entrelaçamento entre culturas não tão claro que recebem o nome de suábios do Danúbio³.

Tratando de uma abordagem multiconceitual – um tipo de proposta pouco usual em artigos acadêmicos que, costumeiramente, procuram trabalhar com um número reduzido de conceitos, percebemos que a comunidade atual e sua trajetória histórica “exigem” um olhar teórico mais

³ O presente artigo é resultado parcial da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná de Adriana Socoloski intitulado “Língua, cultura e identidade no discurso educativo de e para Suábios do Danúbio em Entre Rios / Paraná: Análise e proposta de leitura”, iniciado em 2018.

amplo. Portanto, trazendo os conceitos como a interculturalidade, a tradução cultural, o hidridismo cultural e a translinguagem, assumiremos seus aportes para o começo de uma reflexão mais aprofundada sobre o que se sabe sobre esta comunidade, para que possamos compreender a maneira como as suas práticas têm transitado em tempo e espaços, criando-se novos conhecimentos que garantiram a sua sobrevivência durante séculos. Nas linhas que seguem perpassaremos esse “mundo em pequeno” dos suábios, começando pelas questões mais básicas como o conceito de cultura o qual está na base de todos os quatro grandes conceitos, e o qual pode ser amplamente discutido e avaliado a partir da experiência suábia.

Começamos com Aranha (2006, p. 58) que salienta que cultura é “[...] o conjunto de símbolos elaborados por um povo em um determinado tempo e lugar, capacidade que inclui todas as formas de agir, pensar, desejar, exprimir sentimentos”. Trata-se de um amplo conceito que caracteriza hábitos, vestimentas, formas de subsistência, entre inúmeros outros que, representam espaços de materialização de práticas do “entre lugares”, pois muitas vezes uma materialização aberta de certas práticas não era permitida ou estimulada pela própria comunidade e/ou o Estado (brasileiro, alemão, austríaco, iugoslavo etc.).

Consideramos básicas as suposições de que as culturas são muitas e que o contato em que transitam seus elementos é inevitável, principalmente no que se refere a regiões de fronteiras e contextos migratórios. De fato, os pontos de efetivação dos aspectos translinguísticos e transculturais surgem no momento em que as diferentes culturas passam a dividir o mesmo território: frequentar os mesmos restaurantes, as mesmas lojas, passear nas mesmas praças, andar nas mesmas ruas. Esse contato favorece trocas das quais os que mais nos interessam são as linguísticas e educacionais.

Como já citamos, abordaremos neste estudo questões referentes à: interculturalidade, tradução cultural, hidridismo cultural e translinguagem, trazendo um panorama teórico a partir do qual retrataremos os conceitos supracitados sobre a ótica da imigração deste grupo para o Brasil para chegarmos com quadro conceitual que nos ajudará a entender melhor as suas práticas atuais.

Retrataremos um grupo de imigrantes que chegou ao Brasil com uma bagagem cultural anterior já altamente hibridizada e que entrou em contato com uma cultural local que promoveu um novo processo de reestruturação, onde os velhos hábitos tiveram que ser reconfigurados. Foi necessário reimprimir as memórias, selecionar o que se considerava pertinente para a afirmação identitária, para então recomeçar uma vida mergulhada nas práticas diversas, novas e antigas, embora não de modo explícito ou consciente. Abaixo continuaremos explorando a trajetória dos suábios do Danúbio brasileiros por meio de entrelaçamento dos conceitos mencionados e informações acadêmico-científicas que existem sobre eles.

A interculturalidade e suas dimensões sociais

O Brasil é um país que vivenciou uma profunda experiência de conflitos e acolhimentos, oportunizando o crescimento da diversidade, muitas vezes discrepante, de culturas dentro de cada sujeito. Não há dúvidas para quem identifica essa realidade de que seja preciso reconhecer o valor intrínseco de cada cultura, promovendo o respeito mútuo entre os mais diversos grupos indeníários, propiciando a construção de uma sociedade justa e igualitária. Cada indivíduo constrói sua identidade a partir de histórias e de contextos culturais específicos. Na relação entre diferentes sujeitos emerge um contexto intercultural que possibilita

a compreensão entre as diferentes dimensões das práticas humanas.

A cultura vem sendo um tema amplamente discutido na atualidade, porém sem consenso sobre a sua definição, o que permite diversas definições, das quais escolheremos as mais importantes para o melhor entendimento do nosso objeto de estudo. Assim, além da reflexão introdutória de Aranha (2006), podemos afirmar que em linhas gerais: uns a classificam como um sinônimo do conhecimento erudito ou um aprendizado sistematizado, identificando indivíduos que apreciam músicas clássicas, apresentações de orquestras, peças teatrais e filmes, enquanto para outros o mesmo conceito refere-se apenas a etnias e suas produções específicas. Para Gómez (2001, p.13) “cultura é todo aquele complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. O autor supracitado apresenta um conceito que abrange todos os conhecimentos adquiridos pelo homem em seu convívio social, importante se pensarmos na amplitude e intensidade da experiência transcultural e translinguística dos suábios ao longo do tempo.

No campo de antropologia, sendo esta uma área de conhecimento que por excelência trabalha com o termo “cultura”, trazemos as palavras de Aranha e Martins (2003, p. 25): “A cultura significa tudo o que o ser humano produz ao construir sua existência e os seus desejos, envolve as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais”. Sem dúvida, este é o caso dos suábios de Entre Rios que participaram ativamente na própria constituição indenitária, através da criação de instituições e narrativas para sustentar uma visão mais germanizada, garantidora de direitos e oportunidades na nova pátria.

A dimensão intercultural brasileira reveste-se de significados específicos, o processo de colonialismo e de imigrações tem propiciado

intensos processos de transformação cultural, onde diversos povos foram inseridos em uma sociedade com fortes tendências homogeneizadoras. A relação entre diferentes culturas resulta em confrontos entre pontos de vista divergentes, e a interação com uma cultura diferente colabora para que um indivíduo ou determinado grupo modifique o seu modo de compreensão da realidade possibilitando diversas maneiras de interpretação (PUH, 2017b).

Pensando no contexto geral em que o grupo abordado está inserido, temos que levar em consideração que a constituição da população brasileira, bem como em outros lugares do mundo, é resultado da interação e da miscigenação de diversos grupos étnicos, porém com efeitos singulares. Como se sabe até fora do ambiente acadêmico, o encontro de diferentes culturas é provindo de diversos fluxos migratórios, o qual nós para os fins deste artigo categorizaremos, didaticamente, em três processos. O primeiro processo envolve o período colonial, marcado pela demorada ocupação portuguesa dessas terras e a implantação do modelo de produção mercantilista-capitalista, e que se deu principalmente com a exploração da mão de obra escravizada, resultando na presença maciça de uma população negra africana, para além da dizimação e aproveitamento daquela indígena.

O segundo fator, que impulsionou o fluxo migratório para o Brasil, foi decorrente das relações de produção estabelecidas com a revolução industrial, pois as forças políticas e econômicas da então ex-colônia portuguesa passaram a promover a imigração de trabalhadores livres em oposição à política anterior. Entre meados do século XIX e XX o Brasil, assim como alguns outros países das Américas, recebeu um grande número de famílias providas da Europa, Ásia e do Oriente Médio. Foram diversos fatores que impulsionaram a sua emigração, mas podemos constatar que a esperança por uma vida melhor motivou a partida da sua antiga pátria em direção a uma nova terra.

O que muda é no perfil da mão de obra, esta que muitas vezes chegava com qualificação mais adequada para o modo de produção esperado pelo latifúndio brasileiro e incipiente setor industrial. Mas apesar disto e do fato de trazerem a chamada “bagagem cultural” almejada pelas elites nacionais, no já amplamente discutido branqueamento populacional e cultural, esses trabalhadores tiveram que dispor no seu cotidiano de um árduo trabalho, beneficiando as novas terras dos seus patrões. Estes, por sua vez, inicialmente não se preocupavam muito com a sua presença e depois, com o advento do projeto nacionalista do governo Vargas, começaram a negar abertamente as origens desta população imigrante e seu modo de ser e produzir.

Já o terceiro fator, sendo o mais atual, é decorrente das grandes guerras, no caso do grupo abordado especificamente da Segunda Guerra Mundial em que inúmeras famílias ficaram desabrigadas, refugiadas em campos e países que não os desejavam. Estes foram direcionados para outros países dentre os quais, estava o Brasil, o qual recebeu um grande número de imigrantes-refugiados. Aqui nos aproximamos mais do nosso coletivo de imigrantes, oriundo de campos de refugiados na Europa, o qual passou por diversos processos de modificação cultural.

A Europa foi uma das regiões que mais sofreram as consequências da guerra, com regiões inteiras devastadas pelos campos de batalha. Os danos da guerra geraram uma massa de desabrigados, desempregados e deslocados que os governos locais não tinham as condições necessárias para a reconstrução/reestruturação desses milhares de vidas. A polarização geopolítica que se estabeleceu também contribuiu para aumentar a lista de indivíduos deslocados que não se sentiram confortáveis com as novas configurações e, portanto, e não puderam retornar ou ficar em sua pátria de origem após o conflito. (SILVA, 2019, p.111).

O Brasil assinou um acordo com a Organização das Nações Unidas, dispondo-se a

receber esses sujeitos, quebrando com a política “restricionista” marcada pela Lei de Cotas assinada pelo então presidente Getúlio Vargas em 1934. Silva (2019) ressalta que a imigração no Brasil sempre esteve ligada aos interesses das elites nacionais, como a colonização de áreas desocupadas, a procura pela mão de obra para acelerar o ritmo da produção industrial e o favorecimento a política do branqueamento.

Nesse período, houve uma forte onda de fomento e disseminação da cultura puramente nacional, por meio de medidas drásticas, como a proibição do ensino de línguas estrangeiras e sua fala em locais públicos, sendo preservada apenas a prática privada. Essas medidas integraram o pacote da “Lei de Cotas”, como uma investida para frear a influência do elemento estrangeiro na cultura brasileira. (SILVA, 2019, p.116).

Esta medida foi adotada com o objetivo de não permitir que a cultura do imigrante se proliferasse livremente no Brasil, o fato de reprimir a fala leva à censura quase automática a sua cultura. Diante desses pressupostos perpetuava o nacionalismo perante a um jogo de interesses que pretendia fazer uso daquilo que o imigrante apresentava de útil, como sua vontade de subir socialmente na hierarquia econômica, bem como a disponibilidade e o melhor preparo para o trabalho assalariado. Frequentemente, em defesa dos interesses locais, descartava-se o que não lhe era conveniente como a língua e grande parte da bagagem cultural que nela está presente, criando-se uma estratégia de sobrevivência supostamente assimilacionista do imigrante.

Porém, apesar dessas políticas de silenciamento que favoreciam a homogeneização, a morte das culturas não se concretizou por completo, visto que muitos aspectos culturais sobreviveram, surgindo a necessidade de uma atitude translinguística e transcultural. Dizemos isso, pois entendemos que para os sujeitos é importante também manter as raízes culturais e linguísticas,

mantendo vivos seus hábitos e costumes dentro de suas respectivas casas e comunidades, passando para as novas gerações este legado cultural que no século XXI faz do Brasil um país de práticas linguísticas e culturais em trânsito intenso. Portanto, cabe-nos agora desenvolver mecanismos sociais e coletivos para que essa realidade continue como tal, sem estar reduzida a empreendimentos somente pessoais ou comunitários.

A interculturalidade se caracteriza como um processo que implica em uma relação entre pessoas de diferentes contextos que caracterizam o seu viver cotidiano, os quais se apoiam na historicidade das pessoas e do grupo. A dinâmica relacional se dá numa perspectiva de trocas de saberes e de bens tanto culturais quanto materiais, e ela se organiza como processo de negociações que caracterizam a vida em sociedade. Esse processo envolve interesses, poderes e saberes que caracterizando esse movimento em um processo como sendo político e ideológico. (RADECK, 2009, p. 795)

A interculturalidade prolifera-se em locais onde a migração desencadeou uma realidade social diferenciada, onde passam a conviver diretamente pessoas que se comunicam em diferentes línguas, expressam-se de diferentes modos e agem de acordo com as mais variadas crenças. Nesse sentido a condição da comunidade de estar no “inter” cultural, diferencia-se de suas práticas transculturais e translinguísticas das suas práticas. Essa condição e as práticas que a sustentam são as que no cenário social apresentam também implicações no dia-a-dia das instituições de ensino, influenciando no processo de ensino – aprendizagem, alargando-se pelos conteúdos estruturantes das aulas, bem como na comunicação entre os envolvidos.

Direcionando-nos aos suábios do Danúbio, identifica-se que esse povo vincula-se com o fenômeno da interculturalidade desde o início de seu fluxo imigratório, mas também quando o Império Austro-Húngaro foi desmembrado em vários outros países e os suábios foram separados por novas fronteiras (Puh, 2019). Nesse impasse

um mesmo grupo étnico passou a viver em países diferentes dos indivíduos que o integravam. A maioria dos que chegaram no Brasil naquele momento passou a pertencer ao território da antiga Iugoslávia, nomeadamente na Croácia e na Sérvia. Vivendo em tais países os suábios deparam-se com a interculturalidade daquela sociedade, passando a conviver lado a lado com a cultura local dos países agora mencionados. Novamente apresenta-se a relação de interculturalidade na história dos suábios no momento em estes são recebidos no campo de concentração na Áustria. Ainda mais forte evidencia-se a inter-relação entre culturas e nacionalidades diversas, que dividem um espaço precário e minúsculo, o que torna as relações interculturais mais fortes e evidentes, afirma Puh (idem). E em um terceiro momento o presente fenômeno manifesta-se novamente na vinda dos suábios para o Brasil, onde a relação intercultural passa a incidir entre suábios e brasileiros. Mesmo instalando-se em colônias, os suábios interagem com a população local e os laços que incidem a interculturalidade são evidenciados.

No que tange o ambiente escolar, o desafio das instituições de ensino é considerar a diversidade como parte integrante da identidade nacional que constitui o patrimônio sociocultural. Desse modo, a escola passa a construir um projeto nacional que considere as diferenças sociais, raciais, étnicas, e cultural, como fundamentais para qualquer nação. Desse modo, Fleuri (2001, p. 146) afirma que:

A educação passa a ser entendida não apenas como transmissão de informação de um indivíduo para outro. A educação passa a ser concebida como construção de processos em que diferentes sujeitos desenvolvem relações de reciprocidade (cooperativa e conflitual) entre si. As ações e reações entre sujeitos criam, sustentam e modificam contextos relacionais.

Colocado entre a cooperação e o conflito, o ambiente escolar abrange diariamente um grande número de pessoas, possuidoras dos mais diversos

costumes, crenças, religiosidade, sexualidade, etnias e culturas. Não é diferente com a comunidade de Entre Rios que atualmente apresenta um cenário linguístico complexo em que, segundo Dalla Vecchia (2013, p.61), o colégio Imperatriz surgiu, na colônia Vitória, com a finalidade de resistir à assimilação cultural e promoção da atuação integrada da sua população. A autora ainda salienta que a “variedade de alemão falada pelos imigrantes e seus descendentes não é objeto de ensino na escola”, o uso de suas variedades não é explicitamente proibido, mas prioriza-se o alemão padrão. Esse episódio justifica-se pelo fato que o dialeto suábio não possui o mesmo prestígio e reconhecimento que o padrão apresenta. Este que é conhecido mundialmente, enquanto sua variedade, que para nós tem o status de língua, acaba sendo mais restrita ao ambiente familiar e manifestações/vivências comunitárias, apesar de evidenciar muito mais o aspecto intercultural desta comunidade.

Se olharmos especificamente para o ensino no colégio supracitado (apresentado como o principal local de ensino na colônia) temos autores como Dalla Vecchia (2013, p. 65) que salienta que na Educação Infantil os alunos têm dez aulas semanais de língua alemã, e “a partir do ensino fundamental I, em cada uma das séries, as turmas são divididas durante as aulas de alemão reunindo alunos que têm o mesmo nível de conhecimento de língua”. Os discentes que possuem um nível mais elevado são reunidos em uma turma, enquanto aqueles que apresentam um menor domínio são reunidos em outra. Esses grupos perpetuam até os anos finais do ensino médio, tendo entre quatro a cinco aulas semanais da língua alemã nesse período. Ressalta-se que nas turmas em que estão os alunos que possuem domínio da língua alemã as aulas são ministradas em alemão, já nas turmas em que os alunos são iniciante ou apresentam dificuldade as aulas são ministradas em língua portuguesa, e aos poucos introduzindo a língua alemã. A cada final

de ciclo pode ocorrer de alunos migrarem de uma turma para outra de acordo com o desempenho apresentado. Quanto à língua portuguesa, Dalla Vecchia (2013, p. 66) enfatiza que os alunos têm seis aulas semanais, o trabalho é realizado com um material apostilado “que se embasa no ensino da língua por meio de gêneros textuais, enfatizando a análise linguística”. Além da língua alemã e da língua portuguesa os discentes desta instituição também têm aula de língua inglesa e espanhola, um fato que contribui mais ainda para o status intercultural do colégio e do seu público, em sua maioria proveniente da comunidade.

Dentro de suas residências e no seio familiar a língua suábia garante o seu espaço. Apesar da pressão e da proliferação da língua portuguesa e da língua alemã, estes garantem a sobrevivência do dialeto suábio, bem como a propagação de seus mais íntimos hábitos e costumes no ambiente familiar (essa restrição é uma realidade infelizmente tão comum em muitas comunidades brasileiras). O fato é que até nos quesitos linguísticos e educacionais, a comunidade recebe apoios, isto é, é influenciada pelas práticas linguísticas dos grupos com os quais mantém contato – sendo estes muitas vezes do mundo germânico-alemão, o que reforça o compromisso com a afirmação oficial de um aspecto deste grupo, como já afirmamos, intercultural.

Tradução Cultural: Uma adaptação necessária

É notável a existência de muitos indivíduos capazes de alternar de cultura como alternam entre línguas, escolhendo o que consideram ser propício a circunstâncias em que se encontram em dado momento. Este é o caso da colônia de Entre Rios, onde estes fazem uso de uma certa cultura alemã padronizada em ambientes públicos e de sua cultura germânica e eslava, mas também romena

e húngara em ambientes familiares, adaptando-se às circunstâncias e contextos. Assim, podemos constatar que habitando novas terras, os suábios do Danúbio, encontram-se mais uma vez perante a um novo recomeço, perpassando outra vez por uma nova etapa de tradução cultural daquilo que não conhecem. Agora nas terras brasileiras, frente às diversas línguas e aos hábitos e costumes propícios a estes, reestabelecem-se novos modos e práticas de agir no mundo, inseridos no espaço onde se traduz tudo, este sendo o nosso segundo grande tema.

Burke (2019, p. 102) salienta que “as tradições são como áreas de construção sempre sendo construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte destas tradições se deem ou não conta disto”. Na convivência cotidiana é impossível não haver trocas, é nato do ser humano incorporar hábitos e costumes vivenciados por indivíduos próximos, porém isso acontece diferentemente em cada espaço, tempo e grupo social e étnico. No caso dos suábios do Danúbio, cabe dizer que o fato de estarem em um ambiente rural, distante de grandes centros urbanos e de meios de comunicação terrestres, foi um fator importante para uma estabilização étnico-cultural da comunidade e desaceleração de processos assimilativos e desagregadores. Este fato já constatamos em outras comunidades de imigrantes rurais no trabalho de Puh (2017b) em que observamos a articulação comunitária de ucranianos no Paraná e no Leste da Croácia - espaço de onde também saiu a maioria dos suábios que fundaram a colônia de Entre Rios.

De acordo com Puh (2019), no decorrer do século XVIII, populações germânicas que viviam em regiões superpopulosas, iniciam o processo de migração após o convite de imperadores austríacos para colonizar determinadas áreas próximas ao rio Danúbio que foram esvaziadas pelas invasões turcas, recebendo a denominação de suábios do Danúbio. Partindo da região sudoeste da Alemanha,

onde nasce o rio Danúbio e, seguindo em direção a sudeste, este povo colonizou áreas onde atualmente localizam-se países como Sérvia, Romênia, Croácia, Hungria, dentre outros. É importante ressaltar que foram privilegiados neste período de colonização pelas elites dirigentes austríacas e alemãs. Com o fim da Primeira Guerra Mundial muitas destas comunidades suábias, residentes nos países acima mencionados, perderam o seu status dominante e passaram a ser minorizadas politicamente (e também no plano educacional, cultural, linguístico etc.). Cabe retomar o fato de que o Império Austro-Húngaro foi desmembrado em 1918 em vários outros países e os suábios que viviam na região do vale do rio Danúbio e arredores foram separados por novas fronteiras. Nesse contexto um grupo étnico se encontrava em países diferentes, sendo que a maioria da população destes passou a pertencer ao território da antiga Iugoslávia, nomeadamente na Croácia e, em número menor, na Sérvia, quando se pensa nos suábios imigrados no Brasil.

Com essa nova realidade em que os Suábios do Danúbio tiveram que se deparar com uma política linguística, cultural e educacional que não os favorecia, começaram a procurar modos de reestruturar suas práticas que chamaremos de tradução cultural. Ao vivenciar seu dia a dia com grupos culturais eslavos, estes germânicos tiveram que por em cheque muitas certezas, opondo-se a certas verdades, enfrentando as incertezas que exigiam novos entendimentos e modos de olhar para o que a população majoritária e suas elites dirigentes almejavam para si. O convívio não foi passivo, os suábios, mais que outros grupos, procuraram manter presentes suas origens germânicas, atitudes estas repreendidas pelo governo iugoslavo que reforçava a importância dos eslavos do Sul, efetivando um fenômeno que chamamos de “políticas étnicas promovedoras de emigração” e que exploramos mais em trabalhos

sobre imigração croata no Brasil. (PUH, 2017, 2019).

Primeiramente, isso resultou nas políticas de estímulo à emigração de praticamente todos os povos que não faziam parte deste grupo de eslavos do Sul da Europa, sendo a população suábia-germânica um dos seus alvos. Assim, emigraram ao Brasil muitos suábios ainda nos anos 1920 e 1930, porém com outras visões identitárias e com uma disposição maior para a tradução cultural na nova pátria, além de não ter a oportunidade de constituir um núcleo colonial próprio tal qual é Entre Rios. Essa “história” não resultou em uma comunidade intercultural consolidada com uma auto percepção forte, como foi o caso dos suábios que viriam após a Segunda Guerra Mundial. No que diz respeito ao ensino da sua língua suábia no período de entre guerra, na antiga pátria inicialmente foi reduzida para escolas comunitárias germânicas, sendo este um dos modelos que pensamos ter sido a base para a criação do colégio Imperatriz Leopoldina, e que poderia ser explorado depois num estudo histórico comparativo. Na segunda fase de mudanças na educação iugoslava, o ensino dos suábios foi incorporado ao ensino geral nacional iugoslavo por meio de turmas especiais em locais onde eles fossem grupo majoritário. Politicamente, foi neste momento que surgiram as primeiras políticas culturais dos suábios que queriam organizar a vida comunitária que passava, forçadamente, por diversos processos de tradução cultural que precisavam ser organizados de acordo com os próprios critérios, evitando o máximo a intervenção estatal, como constatamos em Puh (2019).

Em seguida, dois anos após o começo da Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia posiciona-se em 1941 contra o estado alemão, fazendo com que os suábios se encontrassem em uma situação de subversão interna e externa. Isso porque eles não habitavam as terras alemãs, não viviam a realidade daquele país, portanto não participavam

completamente do seu cotidiano, e ao mesmo tempo, não concordavam completamente com a política iugoslava, apesar de serem seus cidadãos e terem se instalado em suas terras há muitas gerações. Durante a guerra, os suábios em sua grande maioria tentaram manter a neutralidade com relação aos países e suas forças militares em conflito, porém recebiam proteção do Estado alemão e esses dois fatos juntos acabarão acarretando problemas posteriores, como a desconfiança da resistência iugoslava que vencerá a guerra (PUH, idem).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os suábios em grande parte fugiram e/ou foram expulsos da Iugoslávia, sendo abrigados principalmente pelo governo da Áustria nos campos de refugiados. Lá foram deixados milhares de pessoas em um espaço pequeno onde não havia trabalho, nem alimentos para todos, mas principalmente não havia a esperança de que pudessem ser incorporados na economia e cultura germânica da qual supostamente seriam parte. Houve aqui uma nova tradução cultural, desta vez em direção a uma regermanização que ocorreu entre 1945 e 1952, negando-se as contribuições eslavas e outras, até que deixaram o país.

Diante de tais circunstâncias, a instituição filantrópica Ajuda Suíça a Europa inicia o processo em buscar de locais com condições de abrigar camponeses e agricultores desalojados. Feito contato com as autoridades governamentais brasileiras e após a realização de uma detalhada pesquisa e uma longa negociação, decidiu-se que um grupo de 500 famílias, iria para as novas terras, fixando-se às terras paranaenses. Mais especificamente, foi escolhida a região central do Estado pelo fato de ter mais viabilidade nos quesitos referentes ao cultivo agrícola e proximidade com as trilhas ferroviárias que ligam a capital Curitiba. Tais habitantes passaram a residir em um espaço, atualmente referenciado como colônia Entre Rios, distrito da cidade de Guarapuava, situada

no centro-sul do estado do Paraná, que exibe características que muitos identificam pelos traços europeus, mais explicitamente, como alemães – tanto que a comunidade é conhecida também como colônia alemã pela população exterior à colônia. Nesse caso vemos que a população local brasileira traduziu as características culturais e linguísticas desta comunidade para termos que conhece, e “encaixou” na identidade que achava mais conveniente e possível de entender.

A área foi dividida em cinco vilas, presentemente chamadas de colônias pelos residentes da região, estas foram loteadas, permanecendo a uma distância inferior de dez quilômetros uma da outra. De acordo com Puh:

As próprias cinco colônias construídas em Entre Rios, no estado do Paraná - Vitória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia - foram feitas de acordo com os mesmos planos urbanísticos dos vilarejos de Banat, Slavonia, Baranja e Srijem: ruas largas e retas, casas grandes com espaço para horta, pomar e vinhedo, espaço para celeiro e outros edifícios necessários. (2019, p. 270).

Por outro lado, Elfes (1971) salienta que as respectivas colônias receberam a denominação dos antigos locais sobre os quais foram postas, algo que não permitiu, por exemplo, que dessem nomes suábios para estes locais, o que era o caso na Antiga Pátria onde os municípios fundados e/ou habitados por eles tinham dois nomes: um eslavo e outro germânico. Na colônia Vitória, situa-se o centro administrativo, sede de indústrias, escola, centro social e médico, as demais caracterizam-se como vilas residenciais. No período que precede a instalação dos imigrantes e a construção da colônia, inúmeras dificuldades foram encontradas, destas que abrangem até mesmo questões de subsistência. Tendo em vista demandas referentes “ao planejamento, preparativo e a construção da colônia de Entre Rios foram sustentados principalmente pelo governo Suíço e pelo governo estadual paranaense, bem como por comerciantes

suíços e brasileiros e bancos brasileiros”. (ELFES, 1971, p. 57).

Isso nos mostra que no processo de adaptação e na subsequente tradução cultural, econômica, habitacional etc. da comunidade houve a participação de diversos agentes e atores que ofereceram auxílio até que houvesse uma estabilização maior. Nesse sentido, temos que levar em consideração que a tradução cultural de uma sociedade não é um processo que acontece somente por meio de uso de forças internas, mas também de externas que têm interesse em participar da vida daquele grupo.

Hidridismo cultural: um olhar necessário para aspectos do sistema educacional suábio

Aprofundando-nos mais nos aspectos educativos e linguísticos que são marcados pela questão cultural, enxergamos como interessante para a discussão a questão do hibridismo, pois já olhamos para constituição da comunidade em termos de interculturalidade e para os mecanismos de tradução cultural como uma das bases de seu funcionamento. Assim, no que tange o sistema educacional de Entre Rios, a interculturalidade é uma condição altamente presente na comunidade escolar como tal, a tradução cultural é o modo de agir perante a presença de diferentes culturas e o hibridismo é o efeito que se percebe na cultura do seu público. Agora nos deteremos nas modificações efetivas que aconteceram e que pensamos determinar o modo como se organiza o cenário da educação e especificamente do ensino de línguas em Entre Rios.

Aproximando-nos da discussão teoricamente, consultamos os apontamentos de Burke (2019) para o qual o hibridismo cultural é um fenômeno que vem manifestando-se com maior intensidade na contemporaneidade. Trata-se de um processo

em que culturas diferentes passam a conviver com muita proximidade e, com o decorrer do tempo, começam a evidenciar-se características que antes eram específicas de uma cultura manifestando-se em outra. Olhando para os espaços de expressão humana, ele pode ser evidenciado em todos os lugares, como na arquitetura, na língua, na música, na culinária, nos rituais religiosos, no esporte e também nos textos, cabe aqui mencionar a educação por nós entendido como espaço central em que articularemos os diversos processos e fenômenos observados nas análises históricas e atuais.

O hibridismo também manifesta-se nas questões linguísticas, visto quem em um ambiente em que perpetuam três línguas, estas interagem entre si promovendo um possível “hibridismo linguístico”, no qual os alunos, seus pais e professores mesclam modos de se expressar, traduzindo muitos elementos para os seus termos e também transcendendo estes em suas práticas comunicativas. Nesse viés o hibridismo entrelaça-se com a translíngua, onde várias línguas circulam em um mesmo ambiente, muitas vezes manifestadas pelo mesmo falante, compartilhando do mesmo diálogo. Também é pertinente a afirmação de Canclini (2005) que entende o indivíduo como um consumidor das diferentes políticas que lhe são oferecidas, ao passo que tem a possibilidade de atuar dentro da sociedade como cidadão que precisa conhecer seus direitos para defendê-los. O indivíduo não se identifica somente com as entidades maiores que ele (por exemplo, a nação), porque reconhece a importância de se definir culturalmente dentro de grupos menores e talvez menos abstratos (por exemplo, a étnica, a região, o bairro, a cidade, a profissão). Aqui precisamos abordar também a cultura escolar que modifica e a qual é modificada pelos alunos e professores que nela se encontram.

Voltando-nos especificamente para o colégio Imperatriz Dona Leopoldina, o processo

de hidridismo manifesta-se na interação entre o alunado provindo da colônia, descendentes de suábios com os colegas brasileiros. Além de colegas não descendentes de suábios, têm-se também professores provindos de outras descendências – fato que evidencia a interculturalidade mais ampla da sociedade brasileira. Apesar de a instituição estar inserida dentro da colônia, é impossível manter-se extremamente fechado as contribuições externas, daí que surge a hibridização de práticas educativas que bebem de experiências anteriores da Antiga Pátria, da contribuição atual do sistema educativo alemão e das leis e diretrizes brasileiras. Pois, olhando para o que os autores como Adriana Dalla Vecchia (2013) afirmam, desde a instalação do colégio até o ano de 2006, o alemão era ensinado no colégio como língua materna, mas o material utilizado na instituição vinha direto da Alemanha. O mesmo apresentava-se não apropriado para os suábios, o que dificultava o processo de aprendizagem dos discentes. Ainda de acordo com a autora, a partir da data supracitada, a língua alemã passou a ser trabalhada como uma língua estrangeira na instituição. Atualmente,

É ensinada além de língua portuguesa, a língua alemã em sua variedade padrão ou hochdeutsch, pela qual se destaca, e, ainda as línguas inglesas e espanholas. O fato de hochdeutsch se destacar possivelmente contribui para que os suábios sejam identificados como alemães pela comunidade de entorno não descendentes de suábios. (DALLA VECCHIA, 2013, p. 16).

Ressalta-se, quanto às expressões supracitadas ao referirmos à língua portuguesa, fazemos referência a língua materna dos brasileiros, e ao citar hochdeutsch referenciamos a língua oficial alemã. Percebe-se nas conclusões da autora que se nega o lugar “inter” da cultura e da língua, obrigando o público a uma tradução cultural constante.

Além do elo referente a questões de identidade, o ensino do alemão está fortemente ligado ao vínculo que a colônia mantém com a

Alemanha, como afirma Dalla Vecchia. (2013, p.70).

A preferência pelo idioma oficial explica-se e mantém-se pelo fato de que mantém vivo o contato entre a Colônia e a Alemanha, sendo, por meio dele, *que os diálogos são mantidos*, esse é o idioma das negociações, já que a variedade oficial da língua alemã é consequentemente de maior *status*. Observa-se que há interesse por parte da Agrária em manter os laços entre a Colônia e a Alemanha sempre muito estreitos.

Apesquisadorabrazilacomentaqueodialetosuábionãoéutilizado como institucionalmente no colégio, no entanto percebe-se em algumas pronúncias proferidas pelos discentes, nesse caso os professores os corrigem e centram-se ensinar a língua alemã padrão. De acordo com Dalla Vecchia, a realidade vivenciada pelos suábios na colônia é complexa, considerando o fato de coexistir ali a língua alemã, a língua portuguesa e o dialeto suábio. Desse modo as políticas linguísticas colocadas em prática evidenciam que as línguas “estão muito ligadas ao que a população local considera importante, ou seja, parte daquilo ao que os suábios atribuem valor, construído a partir das relações que estes mantêm entre si, com a comunidade externa de entorno e com a Alemanha” (2013, p.71). Desse modo houve a vinculação às/das crenças as políticas linguísticas, evidenciando que as atitudes linguísticas são influenciadas ao mesmo tempo em que as reforçam.

Práticas translingües: uma comunicação ativa

Apesar de ser conhecido o histórico monolíngue da política linguística das elites brasileiras, culminando, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) nas políticas de silenciamento de expressões não correspondentes ao português, na atualidade o país continua com espaços em que existe um constante contato de línguas. Preferimos, portanto, pela condição

intercultural e híbrida da comunidade suábica privilegiar as suas práticas linguísticas para as quais não é possível, e, mais importante, nem desejável estabelecer limites fixos.

Desse modo, agora nos centraremos no estudo da translíngua, até o qual precisamos traçar este longo caminho teórico-metodológico que passou por três conceitos. Tal prática trata do uso simultâneo de duas ou mais línguas em um mesmo diálogo, onde existe a alternância entre as línguas sem perder-se o conteúdo estruturante da conversa.

O termo *translíngua* também remete a práticas pedagógicas que utilizam o bilingüismo como recurso possível. Neste sentido, o termo evoca uma concepção de língua não estrutural e fechada em si mesma, mas que valoriza e recupera os saberes dos falantes em suas práticas linguísticas e em prol da construção do conhecimento. (LEMKE, 2018, p. 7)

De acordo com Lemke (2018) são recentes os estudos nacionais e internacionais que tratam do respectivo tema. A translíngua é encontrada frequentemente nas regiões de fronteiras e nas colônias de imigração, como é o caso da colônia de Entre rios, como salienta Dalla Vecchia (2013), pois neste ambiente perpetua-se a conversação na língua portuguesa, alemão padrão e suábio. Para que tenhamos uma noção, a autora afirma ter falantes monolíngues no suábio, bem como bilíngues, no suábio/português ou bilíngues em alemão/português e ainda bilíngues/multilíngues no suábio/alemão/português. Nesse sentido citamos Krause-Lemke que lança novos olhares sobre o tema :

Advoga-se que a translíngua, por sua vez, não diz respeito apenas a uma mudança de uma língua para outra, mas, à construção de práticas discursivas inter-relacionadas e complexas, em que as línguas e conhecimento se constituem no processo interativo, não podendo, portanto, ser atribuídas e/ou encaixadas em uma definição tradicional de língua. (KRAUSE-LEMKE, 2018, p. 7-8)

Tal prática valoriza todas as línguas presentes em um determinado espaço social, para que haja uma convivência entre as línguas e seus usuários, utilizada como um processo de troca de informações em prol do melhor funcionamento. Reconhecer a prática da translíngua no colégio Imperatriz Dona Leopoldina poderá ser muito interessante e enriquecedora, especialmente se pensamos na ampliação de possibilidades de se construir novos conhecimentos e reconhecer os já produzidos. A translíngua está presente de modo mais explícito nas aulas de língua alemã, visto que esta é ministrada como disciplina de língua estrangeira na instituição. Ao considerarmos que um grande número dos alunos fala apenas a língua portuguesa, evidentemente o português apresenta-se nas aulas de língua alemã como uma ferramenta que auxilia no processo de ensino – aprendizagem, algo que também pode ser afirmado para muitos casos dos alunos falantes da língua suábica.

Desde a educação infantil as crianças são estimuladas a cultivar a língua e a cultura germânica-suábica (esta contendo elementos dos previamente mencionados eslavos), o aprendizado acontece de maneira lúdica, onde o aluno aprendem de maneira prazerosa os conhecimentos científicos e linguísticos, por meio da música, jogos e brincadeiras. Esse ambiente é muito propício à translíngua, visto que muitas famílias falam em casa apenas o suábico, automaticamente seus filhos adentrarão ao ambiente escolar comunicando-se nesta língua, porém esta não será promovida em aula ou na escola. O fato de a instituição dar ênfase ao uso da língua portuguesa e da língua alemã, essa política linguística pode representar um impasse da comunicação e ensino translíngua, restringida pela oficialidade que acaba por limitar ambientes e práticas que garantiriam uma melhor constituição de conhecimento. Consoante aos estudos de Dalla Vecchia (2013), o discente supostamente faria suas indagações no suábico e o professor responderia em

alemão, repetindo-se o processo até o momento em que a criança conseguirá comunicar-se nas duas línguas. Em um momento posterior a língua portuguesa é incluída na comunicação, reservando o dialeto para ser usado em ambiente familiar.

Para Garcia (2009, p. 140),

Translíngua é o que os bilíngues fazem ao acessar diferentes recursos linguísticos ou vários modos descritos como língua autônoma, a fim de maximizar a competência comunicativa”. Desse modo os falantes se expressam em uma ou outra língua, agindo concomitante com suas necessidades no decorrer do ato de comunicação.

A importância de se ajustar a translíngua no processo de aprendizagem de outra língua expõe-se no fato de que o discente pode expressar-se durante a aula de modo oral ou escrito mesmo não apresentando um domínio da segunda língua, entretanto abrangendo conhecimentos da língua que já domina. Logo, o estudante vai arraigando seus conhecimentos e aprendendo a distinguir em que momentos deve fazer uso de um ou outro recurso linguístico, visto que no ambiente escolar espera-se o uso do alemão e em casa do dialeto suábico.

Esse conceito remete-nos também a questões de hierarquias linguísticas e culturais, pois tal prática preza pela igualdade, de tal modo a possibilita a ressignificação das línguas de imigração e demais línguas presentes nas colônias de imigrantes. Assim desencadeia transformações nos entendimentos que se tem das práticas linguísticas sociais, algo já explorado no campo de Sociolinguística, como segue abaixo:

Sob a perspectiva da Sociolinguística, a translíngua é observada e descrita com base no fenômeno da língua em seu uso social e cotidiano, enquanto na perspectiva pedagógica busca-se, em sala de aula, propor meios para promover o ensino e aprendizagem de sujeitos bilíngues, uma vez que a translíngua representa um meio de empoderamento dos sujeitos envolvidos (professor e aprendizes), transforma as relações e auxilia os estudantes no processo de construção do conhecimento

a partir da construção de sentidos e de significados. (WEI, 2017, p. 7).

Para Wei (2017) a translinguagem propicia um espaço social para o falante plurilíngue, apresentando diversas dimensões de sua história e de seus conhecimentos pessoais, bem como suas atitudes, ideologia. No espaço translíngue, o falante rompe as dicotomias entre o macro e o micro através da interação, transitando além das estruturas linguísticas e das modalidades e sistemas semióticos e cognitivos. O autor supracitado assegura que o ambiente translíngue apresenta seu próprio poder transformador, pelo fato de envolver, combinar e gerar novas identidades.

De acordo com Espírito Santo e Santos (2018, p.160) as práticas translingues

Não são novas e já eram conhecidas até mesmo no período colonial quando negros subvertiam e misturavam as “línguas europeias” com suas “línguas maternas” como forma de satisfazer suas necessidades comunicacionais e resistir à dominação branca.

Como evidenciado por Krause-Lemke (2018) são recentes os estudos nacionais e internacionais que tratam do tema translinguagem, porém Espírito Santo e Santos (2018) nos mostram que este fenômeno decorre a séculos nas diversas comunidades. Trazendo este conceito para a atualidade, evidencia-se ainda mais a sua proliferação, com a era da globalização em que encurtaram-se as distâncias com o advento da internet. A comunicação tornou-se fácil, onde indivíduos podem conversar com outros sujeitos que estão do outro lado do globo terrestre instantaneamente. Esse contato com as mais diversas línguas e culturas ao mesmo tempo favorece práticas translínguas mais ainda, porém muitas vezes sem meios e estratégias para garantir um aproveitamento melhor desta condição, algo ainda a ser melhor estudado.

Considerações finais

Na complexidade inerente as culturas e comunidades de imigração, este estudo estendeu-se pela trajetória dos suábios do Danúbio que se estabeleceram em Entre Rios no Estado do Paraná. Abordamos em diversos ângulos as suas características, procurando observá-la pela ótica da sua condição, seus mecanismos, efeitos e práticas, destacando aspectos linguísticos e culturais que se fizeram presentes no seu cotidiano, em sua história e no seu sistema educacional. O fato de os suábios instalarem-se em uma colônia e de terem estratégias que visam autopreservação, sua dimensão cultural passa a ser um tanto quanto preservada no que se refere à sua trajetória. Não nos aprofundamos explicitamente em nenhuma das perspectivas, preferindo oferecer um panorama de possibilidades de abordagens temáticas e também teóricas para aqueles interessados em entender como a interculturalidade, a tradução cultural, o hibridismo e a translinguagem podem ser articulados.

Olhando especificamente para os suábios, destacamos que a interculturalidade na comunidade lentamente começou a se evidenciar, como já havia acontecido em outros momentos da trajetória desta colônia. Em suas vivências com os brasileiros, em um país onde muitas comunidades ficam no “entre lugar”, fez com que esta condição intercultural suábica se intensivasse para além de determinados hábitos, costumes, tradições e vestimentas locais. Comentamos a situação educacional no colégio Imperatriz Leopoldina que é uma das instituições que fica entre três espaços educativos: o local suábico, nacional brasileiro e internacional alemão. Socialmente, mantém-se um entrelaçar de culturas, onde culturas locais e de imigração dividem o mesmo espaço, garantindo a permanência dessa condição intercultural não homogeneizada.

Obrigados a se relacionarem com culturas e países nos quais eram minorias, os suábios

desenvolveram mecanismos que asseguravam a sua existência e adaptação necessária. Assim, exploramos a tradução cultural que permitiu com que os suábios se restabelessem por diversas vezes em diferentes momentos em sua trajetória como grupo e comunidade, onde foi necessário reconstruir-se diante do diferente, restaurar sua bagagem cultural diante da cultura local e oficial-nacional. É um processo onde se faz questão honrar a velha pátria, ao mesmo tempo em que se respeita a nova. A língua sofreu várias pressões no âmbito linguístico e cultural, porém os hábitos mantiveram-se nas famílias, no cotidiano comunitário e nos ambientes públicos, numa autopercepção própria com elementos diversos.

Já o hidridismo cultural para nós aproxima-se da interculturalidade quando olhamos para as relações entre culturas neste espaço. O relacionar entre culturas desencadeia um efeito que abordamos através do hibridismo, uma mistura de culturas, onde hábitos e costumes são partilhados. No que tange as práticas linguísticas, a colônia manifesta um processo de hibridismo linguístico, onde três línguas dividem o mesmo espaço e partilham do mesmo diálogo.

Com a prática da translíngua já consideramos que seria possível fortalecer os elos entre a língua portuguesa, o alemão padrão e o dialeto suábio, principalmente no que se refere ao ambiente escolar onde a maioria das crianças adentram com bagagens culturais e linguísticas diferentes e desiguais. Se essas práticas fossem mais bem pensadas e incluídas no funcionamento de ambientes escolares, os saberes educativos constituídos seriam muito mais proveitosos para todos os grupos que participam deste processo. Os alunos assim teriam conhecimentos e habilidades que lhes ajudariam a interagir melhor com o mundo atual onde a velocidade de trocas culturais deixa marcas profundas, fragilizando os indivíduos envolvidos.

Todos os temas supracitados e discutidos no decorrer deste estudo estão interligados entre si na teia do âmbito cultural. A cultura é a base que da sustentabilidade a todos esses elementos e a colônia de Entre Rios esta imersa a tais elementos. Com o presente estudo constatou-se que imerso ao que chamamos de “entrelaçamento”, pois é possível explorar os caminhos que constituem as práticas transculturais e translíngues da comunidade suábica de Entre Rios, direcionando-se a esses outros três conceitos. E que tais práticas podem ser aproveitadas para melhor entendimento do processo de preservação da cultura e da língua no âmbito social e educacional, levando em consideração os aspectos que se perpetuam sobre o ambiente, proporcionando um entrelaçamento entre culturas que recebem o nome de suábios do Danúbio.

Referências bibliográficas

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 3.ed., São Paulo: Moderna, 2006.

BURKE, Peter. **Hidridismo Cultural**. Editora Unisinos. São Leopoldo- RS, 2019.

ELFES, A. **Suábios no Paraná**. Curitiba: Banco Lar Brasileiro S.A., 1971.

Espírito Santo, Diogo Oliveira do. Santos, Kelly Barros. **A invenção do monolinguismo no Brasil: por uma orientação translíngua em aulas de “línguas”**. *Calidoscópico* Vol. 16, n. 1, p. 152-162, jan/abr 2018 Unisinos - doi: 10.4013/cld.2018.161.14

DALLA VECCHIA, A. **Políticas linguísticas na Colônia “alemã” de Entre Rios: o papel do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade.) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

- FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura estudos emergentes**. Editora Unijui. Rio Grande do Sul, 2001.
- GARCIA, O. Education, multilingualism and translanguaging in the 21st century. In: MOHANTY, A. et al. (Ed.). **Multilingual Education for Social Justice: Globalising the local**. New Delhi: Orient Blackswan (former Orient Longman), 2009. p. 128-145.
- GÓMEZ, Pérez, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- LEMKE, Cibele Krause. **Práticas Translúngues: Um panorama inicial dos estudos desenvolvidos em contextos estrangeiros e brasileiros**. Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Irati, 2018.
- MOREIRAS, A. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latinoamericanos**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.
- RADECK, Ereni. **Interculturalidade e educação popular: uma reflexão com base em autores alemães e brasileiros**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009.
- STEIN, Marcos N. Memórias de uma diáspora: Relatos de refugiados da Segunda Guerra Mundial. **Revista Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 02, n. 19, p. 49-57, 2º semestre de 2008.
- PUH, Milan; SILVA, Roger Carvalheiro; OLIVEIRA, Gustavo. **Croácia no Brasil após 1941: Terceira fase da imigração**. Croatia Sacra Paulistana. São Paulo, 2019.
- PUH, Milan; SILVA, Roger Carvalheiro; MARADEI, Rafael Padula. **Croácia no Brasil entre 1918 e 1941: Segunda fase de imigração**. Croatia Sacra Paulistana. São Paulo, 2017.
- PUH, Milan. **Folclore como ação educativa na constituição de políticas linguísticas em e para comunidades rurais de origem ucraniana na Croácia e no Brasil**. 2017. 558f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- TEIXEIRA, Juliana Carolina. **Memórias suábicas: O processo de colonização em entre rios- PR**. Revista Percurso – NEMO. Maringá, v. 2, n. 1, p. 03-24, 2010.
- WEI, Li. **Translanguaging as a practical theory**. **Applied Linguistics**. Oxford. vol. 39, p. 9 – 30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/amx039>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Submissão: agosto de 2019.

Aceite: fevereiro de 2020.